

## **SILENCIAMENTOS NO DISCURSO PEDAGÓGICO: INTERFERINDO NO CURRÍCULO?**

**ROGÉRIA SILVEIRA PACHECO**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cecília Irene Osowski  
Dissertação apresentada como requisito parcial  
à obtenção do grau de Mestre.  
Programa de Pós-Graduação em Educação Básica,  
Centro de Ciências Humanas,  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.  
São Leopoldo, 11 de novembro de 1998

### **PALAVRAS-CHAVE: DISCURSO, ANÁLISE DE DISCURSO, SILÊNCIO E CURRÍCULO**

O presente estudo, intitulado “*Silenciamentos no Discurso Pedagógico: Interferindo no Currículo?*”, procurou desenvolver algo que fosse fruto da prática profissional da pesquisadora. Dessa forma, foi levado em conta o fato dela trabalhar numa escola técnica há mais de oito anos e lecionar Língua Portuguesa, Literatura e Redação para alunos do 2º ano do 2º grau do Curso Técnico em Eletrônica. E perceber que eles, ao falarem dos professores e da escola, assumem uma posição e pontuam silenciamentos em seus discursos. Então, partiu para esta pesquisa com a seguinte questão norteadora - *Se há silenciamentos no discurso escolar, como problematizá-los?*

Como fundamentação para este trabalho, trilhou os caminhos dos campos teóricos do *discurso*, tomando como referência em M. Pêcheux, a análise de discurso de linha francesa; do *silêncio*, em Eni P. Orlandi, as formas do silêncio e do *currículo*, apoiando-se em Tomaz Tadeu da Silva e outros que compõem o grupo da linha crítica da educação.

Como o sujeito interpretado nesta pesquisa é o do discurso pedagógico, é importante lembrar que, nos discursos dos alunos, quando estão na escola e falam sobre ela, há formação de silêncios. E Eni Orlandi define “Silenciamento” como a “política do silêncio”, ou seja, é onde se dá a relação entre o dito, o poder dizer, ou não poder dizer.

Neste trabalho de interpretação dos silenciamentos no discurso pedagógico foi considerado o fato de que o silêncio não deixa marcas formais e, por isso, foi observado na linguagem verbal, através de uma análise discursiva histórica e crítica da educação.

A instituição escolar está sedimentada sobre preceitos autorizados, portanto, aceitos socialmente. Ela age assim devido à sua legitimidade e seu discurso, o discurso pedagógico, definido como um discurso circular, pois ao dizer as coisas sobre a escola, mantém-na em seu lugar, ou seja, o de sede da reprodução cultural.

Especificamente falando da/sobre a escola, numa perspectiva social-democrática, a análise de discurso, como um referencial teórico-metodológico que viabiliza as práticas de linguagem, determina os processos de significação, como também, por conseguinte, pode contribuir para um melhor aprendizado e ensino de língua materna, além de oferecer mais condições e facilidade para a circulação do conhecimento entre várias áreas de ensino e os grupos sociais diferentes quanto à classe, ao gênero, à raça.

No momento em que pensamos a escola numa perspectiva mais crítica, progressista e transformadora, podemos perceber a linguagem como elemento fundamental para a construção social do aluno e da aluna. GIROUX e MCLAREN em seu texto, afirmam o seguinte:

“Se é verdade que fazemos sentido da realidade social através da linguagem, que está sempre repleta com uma gama de discursos sustentados por interesses materiais e formas de poder social, então segue-se que, através da linguagem, somos produzidos como sujeitos.” (1993, p.25).

A linguagem, como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social que o cerca, constitui, modifica, transforma o sujeito, relacionando sua identidade e sua diferença.

No contexto escolar, pode-se dizer que a prática pedagógica está permeada por um aspecto material, isto é, pelos ritos escolares, e por um outro, discursivo, o discurso pedagógico.

Assim, pode-se afirmar que o discurso pedagógico está relacionado diretamente às diversas áreas de saberes que constituem o campo de conhecimento na escola e a configuração que ele assume está subordinada aos princípios e às teorias educacionais de cada instituição.

Neste trabalho, então, através do discurso dos alunos, onde há a materialidade da linguagem, ou seja, o encontro entre o lingüístico e o histórico, indissociáveis no processo de produção dos sentidos, fez-se uma análise interpretativa dos acontecimentos na escola. Isso nos permite dizer que o sujeito (aluno) é um espaço de significação constituído historicamente.

O recorte dos dados foi feito a partir de textos escritos pelos alunos em sala de aula, bem como de cenas de uma aula, em que ocorreu a filmagem de um debate entre os alunos, que foram motivados e/ou sensibilizados por uma música, cujo tema central é escola/ensino. Foram usados esses recursos (música e filme), pois, para os alunos, as aulas em que há a presença deles se caracterizam como diferentes das outras. Além disso, música e filme fazem parte das práticas de lazer dos alunos e alunas. O recorte desse material possibilitou mostrar situações de linguagem em que aparece o movimento de sentidos sobre a questão norteadora desse trabalho.

Pela análise do discurso pedagógico a partir da voz dos alunos, foi possível verificar que o silenciamento se dá por meio de mecanismos de linguagens, tais como os já referidos anteriormente. Explicitando esse comentário: a *metáfora*, que foi um desses mecanismos utilizados nas análises, possibilita atribuir a um termo o significado de outro, isto é, ela permite uma outra forma de significação, criada pela situação. Assim, através de um processo metafórico, há sentidos que escapam do silenciamento. A *negação polêmica*, mais especificamente, foi levada em conta nas análises dos recortes dos textos dos alunos. Com a ajuda desse recurso de lingua-

gem, procurou-se detectar enunciados negativos, fazendo oposição ao enunciado que refuta, e através desse processo observou-se o enunciador silenciando sentidos, até porque a negação carrega consigo sentidos de recusa, exclusão, proibição. Além desses, o *esquecimento* também foi um fato de linguagem pelo qual foi observado o silenciamento. Isto é, o esquecimento se situa numa zona inacessível ao sujeito, que sofre a interpelação/subordinação por sentidos que já estão aí e são exteriores, e disso o sujeito/assujeitado faz um apagamento necessário. Então, esse sujeito reproduz o que pode ser dito e silencia o que não pode ser dito dentro de uma dada formação discursiva.

Os enfoques que foram privilegiados nas análises se configuraram da seguinte maneira: relacionamento professor e aluno, quando foi observado o processo metafórico; a escola e seus outros saberes, quando foi olhada a negação; e, no debate, ocorreu uma pluralidade de manifestações sobre a escola, quando foi analisado o esquecimento. As condições de produção — a relação da seqüência discursiva com o sujeito e com a situação —, explicitaram a inscrição do sujeito (aluno e aluna) no cotidiano das relações escolares, mostrando deslocamentos de sentidos, o que facilitou a percepção de silenciamentos na voz dos alunos, interferindo, de fato, no currículo.

A contribuição desse estudo está em propor uma análise discursiva do currículo, isto é, ao analisar a língua em seu funcionamento, encontrou-se o sujeito do discurso pedagógico fazendo representação de si e do outro em seus enunciados e manifestando, assim, relações conflitivas. A preocupação das interpretações discursivas realizadas foi explicitar os silêncios presentes nos fatos de linguagem recortados e compreender, a partir deles, os efeitos desse silenciamento. Sempre levando em conta a situação de produção dos discursos analisados, ou seja, o contexto escolar, esse exame se destinava a caracterizar a interferência ou não dos silenciamentos no currículo. E, como já foi dito nas considerações sobre as análises, os silenciamentos no discurso pedagógico interferem, de fato, no cur-

rículo, pois eles são sentidos que escaparam à região do não-dito, do apagamento, e se anunciaram de uma outra forma.

Na verdade, é possível dizer depois das análises feitas, que os alunos e as alunas sabem o lugar que ocupam na escola e no discurso pedagógico, e por isso fazem um movimento de entrega e um de resistência. Retomando: o primeiro consiste na aceitação dos sentidos que imperam, determinando o curso dos acontecimentos na escola. O segundo é um processo de busca por um outro espaço onde se possa dizer (ressignificar) o que ficou “fora” de seu discurso. É aí, nesse segundo, que a política do silêncio (o silenciamento) passa a existir, não como vazio, mas como uma possibilidade de significação.

Então, é importante lembrar da pergunta motivadora dessa pesquisa: *os silenciamentos no discurso pedagógico interferem no currículo?* Como resposta, pode-se dizer que sim. Isto é, o silenciamento, que é a prática de processos de significação pelos quais, ao dizer algo, apagamos outros sentidos possíveis, mas indesejáveis numa dada situação, não consegue deslocar, totalmente, os sentidos oriundos da formação discursiva dominante em que está inserido o discurso pedagógico. E aí o currículo, permeado pelos sentidos do discurso pedagógico, mantém-se no mesmo lugar e com os mesmos sentidos.

Diante disso, seria bom descobrir um ponto de intersecção para o discurso pedagógico. Esse ponto, como já foi dito no primeiro capítulo, poderia ser o encontro das características do discurso lúdico (o da multiplicidade de sentidos) com as do discurso polêmico (o diferente, o que estabelece o jogo em um e outro sentido), eliminando o caráter autoritário e dominante do discurso pedagógico.

Então, a melhor estratégia que devemos utilizar é discutir com os professores e com nossos alunos sobre os diversos modelos de ensino, as diferenças e as semelhanças entre os saberes e o que eles representam socialmente, como também estabelecer uma relação entre as experiências passadas e presentes para perceber de que forma isso tudo pode contribu-

ir para a resignificação dos sujeitos do processo de ensino (o aluno e o professor), bem como da escola.

### Referência Bibliográfica

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

GIROUX, Henry A., McLAREN, Peter. Linguagem, escola e subjetividade: elementos para um discurso pedagógico. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.18, n.2, p.21-35, jul./dez. 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A Leitura e os Leitores*. Campinas, SP: Pontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ORLANDI, Eni Puccinelli *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. São Paulo: UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. *Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

\_\_\_\_\_. *Gestos de Leitura: da História no discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. *O que é lingüística*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. Silêncio e implícito. In: GUIMARÃES, Eduardo. *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989. p. 39-46.

\_\_\_\_\_. *Terra à Vista: discurso do confronto: o velho e o novo mundo*. São Paulo: Cortez, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Mises au Point et Perspective à Propos de l'Analyse Automatique du Discours. *Langages*, Paris, n. 37, 1975.

\_\_\_\_\_. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 1988.